

## 6. Fibonacci, o bugueiro e o Espetáculo da Vida!

Mauro Oliveira, Professor IFCE

Fortaleza, 15/02/2025)

(Dedicado ao Dr **Marcelo Alcântara**, medalha Abolição, inventor do Elmo, um cientista que salva vidas)



Já reparou como muitos fenômenos da natureza compartilham formas surpreendentemente parecidas? Desde a espiral elegante de uma concha de caramujo até a majestosa formação da Via Láctea, passando pelas obras de Da Vinci, há uma harmonia subjacente que segue padrões matemáticos.

Um desses padrões é a sequência de Fibonacci, em que cada número é a soma dos dois anteriores (1, 1, 2, 3, 5, 8...). Popularizada pelo matemático italiano Leonardo Fibonacci em 1220, em seu livro Liber Abaci, essa sequência, chamada de "código secreto da natureza", revela a matemática na beleza do mundo ao redor.

Fibonacci voltou a fazer parte da minha "estrada", recentemente, enquanto eu construía um caramanchão no meu cafofo em Canoa Quebrada. Quando olhei as vigas de madeira que seriam fixadas igualmente no muro, me deu um faniquito e gritei para o mestre carpinteiro: "Seu Orlando, distribua as vigas na sequência de Fibonacci!" Ele me lançou um olhar desconfiado, quase de soslaio, e respondeu com um rosnado divertido: "Fiba o quê, dotô?"

Essa maldade involuntária com Seu Orlando acabou sendo "vingada" de forma didática pelo destino. Ao receber um dia meus bolsistas do LAR (Lab de Redes e Sistemas) em casa, não só mostrei a eles as vigas Fibonaccianas como os desafiei a calcular as distâncias entre elas que seguissem essa fascinante sequência numérica.

Como profetizei, não sairia ileso dessa história. Antes de nos despedirmos, avistamos um Fiat atolado em areias "Velozes e Furiosos". Era a nossa oportunidade de escoteiro: a boa ação do dia! Mas, como diria Fedro aos bolsistas de Platão, não é "porque a velhinha está na esquina que ela quer atravessar a rua". Começa, então, a "operação BPDC - Baden-Powell nas dunas de Canoa": À medida que retirávamos a areia ao redor do pneu, experimentando princípios de Física I (não aplicáveis a um Fiat atolado), o carro preferido de Cesare Battisti ficava cada vez mais movediço. Vixe Maria!

E o bugueiro com isso? Surgiu do nada como um He-Man aloprado, “o homem certo no momento exato” (Outliers, de Malcolm Gladwell, 2020), antes daquela vaia silenciosa (e cruel) que os alunos reservam para uma aula que dá errado. Como ele tinha a “força”, sua primeira medida sensata foi retirar-me do comando da operação BPDC. A segunda foi fazer tudo ao contrário do que eu tinha feito: colocar areia embaixo do pneu, levantando o carro. A terceira foi me pedir para trazer uma tramela. Rosnei na hora: “Treme o quê, dotô?”.

Fiat finalmente liberado, num frio escaldante de Teresina ao meio-dia, meus bolsistas receberam uma aula inesquecível de solidariedade e sabedoria prática com o mestre bugueiro... que, sem percebermos, escafedeu-se, rumo da venta, sem nem dizer “a sua graça”!

Dessa lição de sabedoria nativa, solidária e humana do bugueiro, fiquei a pensar na ruma de vaidade, prepotência e egoísmo que permeia o nosso cotidiano como terráqueos-sapiens. Melhorar o mundo pra quê mesmo, hein? Imigrantes, que se lasquem no mar, bando de fi duma égua teimosos! Sem teto, que se fod@, vagabundo!

Messiânicos (milionários), que solapem (impunes) seus (pobres) fiéis... e a grana “ADeus”! Lesbianos & gays, que se escondam, ora bolas! Negros, que morram nos porões, e se desintegrem! Periferias, que fiquem sem água ... e pra lavar as mãos, álcool-gel na loja da esquina? Arre égua desse mundo de meu Zeus! ... É o Darwinismo Social a nos impregnar ... ao estocarmos avidamente suprimentos, legitimando a “lei do Gerson”! É cada um por si. “Quem for podre que se quebre”!

Mas eis que, de repente, não mais que de repente, um vírus “embriagado” irrompe no mundo, inesperadamente... e tudo se reconecta — ou é forçado — no vasto firmamento que nos mete medo. O que antes parecia ser problema alheio torna-se, subitamente, de todos nós. A questão deixa de ser individual para se revelar profundamente coletiva, desnudando a verdade de que estamos todos interligados por algo muito maior.

No "Dia em que a Terra Parou", tivemos a chance de refletir e redescobrir o que nos torna mais humanos, inalcançável pelos futuros robôs humanoides com a singularidade da IA: a solidariedade, o olhar para o outro. Talvez o planeta tenha começado a aprender algo essencial... ou esteja a caminho disso.

Quem sabe, Raulzito, ainda vamos transformar esse ensaio “Maluco Beleza” de 2020 em um magnífico espetáculo da vida, ecoando pelo universo atento a nos escutar.